

FUNDAMENTOS DA HERMENÊUTICA¹

Thiago Rodrigues Dedino²
Universidade São Judas Tadeu – São Paulo – SP

Resumo

Com a seguinte investigação tenho por objetivo realizar uma metacrítica voltada para a filosofia hermenêutica. A metacrítica que pretendo empreender à filosofia hermenêutica é em função de uma investigação epistêmica, com o objetivo de analisar as consequências da filosofia hermenêutica para a epistemologia, tornando a própria filosofia hermenêutica objeto de estudo. A exposição a seguir é o resultado, ainda preliminar, da investigação supracitada, partindo da simples consideração dos principais textos da filosofia hermenêutica, até suas respectivas consequências para a teoria do conhecimento.

Palavras-chave

Hermenêutica; Epistemologia; Ontologia; Paradoxo; Presença; Temporalidade.

Abstract

With the following research have i for objective to perform a metacritique oriented for philosophy hermeneutic. The metacritique i intend to undertake is a function of an epistemic investigation with the objective of analyzing the consequences of hermeneutic philosophy for epistemology, hermeneutics philosophy itself becoming an object of study. Following exposure is the result, still preliminary, research referred to above, starting from the simple consideration of the main texts of philosophy hermeneutic, until their respective consequences for the theory of knowledge.

Keywords

Hermeneutic; Epistemology; Ontology; Paradox; Presence; Temporality.

Introdução

Tendo por base as definições sugeridas por Palmer em sua obra *Hermenêutica*, o sentido histórico de hermenêutica que interessa à investigação que proponho realizar é o de "(...) fenomenologia da existência e da compreensão existencial (...)" (PALMER, 1999, p. 43), com o objetivo de

¹ Texto apresentado no *IV Encontro de Pesquisa da Graduação em Filosofia da UFSCar: Estética*, em setembro de 2012, no campus de São Carlos.

² E-mail: thiagodedino@hotmail.com

demonstrar suas consequências não apenas para uma compreensão textual, mas para todo o conhecimento.

De modo geral, pode-se entender a hermenêutica contemporânea como uma teoria que se preocupa com o modo como opera a compreensão, tendo sido enunciada por Paul Ricoeur como: "(...) a teoria das operações da compreensão (...)" (RICOEUR, 2008, p. 23), e apresentada por Josef Bleicher, como: "(...) a teoria ou filosofia da interpretação do sentido." (BLEICHER, 1992, p. 13).

A filosofia hermenêutica caracteriza-se pela rejeição da objetividade, implicando profundas consequências para a epistemologia, ou, como enunciado por Bleicher: "Até a aplicação mais neutra dos métodos da ciência se rege por uma antecipação (...)" (BLEICHER, 1992, p. 154), e "(...) o problema hermenêutico está subjacente a todo o conhecimento." (BLEICHER, 1992, p. 155).

O modo que a filosofia hermenêutica lida com estes problemas, parte da noção de círculo hermenêutico, isto é, parte da noção de que há uma antecipação do que é compreendido (e é isso que é chamado círculo hermenêutico), há uma noção prévia que permeará a compreensão de algo como algo.

É observando tais considerações que desenvolverei o que se segue.

Fundamento e Formulação do Círculo Hermenêutico, e Hermenêutica como uma Epistemologia Ontológica a partir do capítulo "A estrutura formal da questão do ser" de Martin Heidegger

Heidegger inicia este texto sugerindo que a questão do ser é, senão *uma* questão fundamental, possivelmente *a* questão fundamental; e que, portanto, é necessário definir previamente o que deve compor tal questão, para que se possa abordá-la com clareza.

O problema que Heidegger nos lança neste trecho do texto é o da abordagem daquilo que aparece para o conhecimento. Ele nos lança o

problema da colocação de uma questão, ou o problema de sua formulação, nos indicando que na simples formulação já encontra-se pressuposto aquilo que se pretende alcançar – afinal, a questão não interrogaria nada se já não estivesse direcionada por uma noção daquilo que pretende compreender. Heidegger enuncia: “Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca sua direção prévia. (HEIDEGGER, 2006, p. 40). Isto é: Ao realizar uma busca, não se pode dizer estar por realizar uma busca se não estiver buscando por algo. A este algo que se busca é que se busca. Então, ao realizar uma busca, sabe-se de antemão aquilo que se está a buscar. Neste caso, o que se está buscando fazia-se presente antes de se iniciar a busca. Em outras palavras, o que se busca já se faz presente de certa forma. O caso é que, um questionar é um buscar. Assim sendo, ao realizar um questionamento, se está a perguntar por algo sobre o qual já se tem certa forma de compreensão. Ou nas palavras de Heidegger, “Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca a sua direção prévia. Questionar é buscar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é.” (HEIDEGGER, 2006, p. 40).

Heidegger prossegue indicando o porquê de sua pergunta sobre a questão – a saber: porque retomar a formulação da questão antes de efetivamente questionar – sugerindo que dessa forma se pode então questionar o ser, segundo uma formulação da questão que permita “percorrer” os “(...) momentos estruturais (...)” (HEIDEGGER, 2006, p. 40) da questão a partir de sua formulação.

E reitera, reafirmando os elementos fundantes da filosofia hermenêutica e do círculo hermenêutico a partir da noção de antecipação, que: “Enquanto busca, o questionar necessita de uma orientação prévia do que busca. Para isso, o sentido de ser já nos deve estar, da alguma maneira, à disposição.” (HEIDEGGER, 2006, p. 41). E faz alusão ao terceiro preconceito, “listado”, na noção da questão do ser, segundo o qual o ser nos é evidente por si.³ “Não sabemos o que diz “ser”. Mas já quando perguntamos o que é “ser”, mantemo-nos numa compreensão do “é” (...)” (HEIDEGGER, 2006, p. 41). É essa

³ Neste trecho do texto, Heidegger faz alusão ao capítulo anterior, no qual propõe-se a considerar a possibilidade da necessidade de se retomar a questão do ser.

compreensão do “é”, que é “ser”, que é o sentido de “ser” que já nos está, de alguma maneira, à disposição, pois “(...) sempre nos movemos numa compreensão de ser. É dela que brota a questão explícita do sentido de ser e a tendência para o seu conceito.” (HEIDEGGER, 2006, p. 41).

E prossegue indicando quais os caminhos que percorrerá em sua investigação afirmando que, ainda que tenhamos uma compreensão prévia do sentido de “ser”, essa compreensão prévia é uma indeterminação⁴ do sentido de “ser” – por isso merece esclarecimento (tanto no que diz-respeito à compreensão prévia, quanto no que diz-respeito à indeterminação: são ambos constituintes e constituídos do mesmo sentido de “ser” que é compreensão prévia indeterminada).

Por mais que a compreensão de ser oscile, flutue e se mova rigorosamente no limiar de um mero conhecimento da palavra – esse estado indeterminado de uma compreensão de ser já sempre a disposição é, em si mesmo, um fenômeno positivo que necessita de esclarecimento. (...) É à luz desse conceito e dos modos de compreensão explícita nela inerentes que se deverá decidir o que significa essa compreensão de ser obscura e ainda não esclarecida e quais espécies de obscurecimento ou de impedimento são possíveis e necessários para uma espécie de esclarecimento explícito do sentido de ser. (HEIDEGGER, 2006, p. 41).

Concluindo que a compreensão prévia indeterminada de ser “(...) pode também estar impregnada de teorias tradicionais e opiniões sobre o ser, de modo que tais teorias constituam, secretamente, fontes da compreensão dominante.” (HEIDEGGER, 2006, p. 41). Aqui, Heidegger nos fornece outro dos elementos fundantes da filosofia hermenêutica, que vem da noção de formação. Rigorosamente, essa noção de formação está subjacente à noção de antecipação e compreensão prévia – nos diz que, a antecipação possui sua “fundamentação”/ “embasamento” na formação (isto é: ao lançar uma questão, que é uma busca, tenho previamente o que me disponho a buscar; quanto a isso que tenho previamente que irei buscar, e que é o que irá dirigir minha

⁴ Aqui, o termo indeterminação usado exaustivamente por Heidegger no capítulo exposto, refere-se a que, segundo certo preconceito sobre a questão do ser, o ser é evidente por si mesmo; contudo, tal evidência, não é completa, nem clara – é obscura e turva. É precisamente a essa obscuridade presente a questão do ser, quando considerada previamente como evidente por si mesma, que Heidegger chama indeterminação.

questão, o tenho fundamentado em minha formação – daí dizer que minha compreensão prévia pode estar impregnada de opiniões).

A partir de então, Heidegger começa a realizar a especulação voltada para a elaboração da questão do “ser”. Heidegger demonstra que a simples conceituação sobre o “ser” pressupõe um ente, e que, portanto, algo é previamente compreendido como o ente que não é “ser”; e que ao colocar o “ser” sob questão, indiferente à mencioná-lo ou não “(...) o ente já está sempre sendo compreendido, em qualquer discussão.” (HEIDEGGER, 2006, p. 41); prossegue sugerindo que não se pode tomar o ente como o “ser” do ente – para uma questão sobre o “ser”, é necessário uma abordagem à questão do “ser”, e não de uma abordagem à uma questão do ente; também no que diz respeito ao desenvolvimento do conceito a partir do qual define-se “ser” e entes.

Enquanto questionado, ser exige, portanto, um modo próprio de demonstração que se distingue essencialmente da descoberta de um ente. Em consonância, o *perguntado*, o sentido de ser, requer também uma conceituação própria que, por sua vez, também se diferencia dos conceitos em que o ente alcança a determinação de seu significado. (HEIDEGGER, 2006, p. 42).

Todavia, Heidegger nos alerta que o “ser” se refere a um ente, tendo por consequência que, para abordar o “ser”, isso só é possível mediante um ente. Isto é: se por um lado a questão a ser levantada deve ter por questionado o “ser”, o perguntado é por seu sentido, e o que deve ser abordado (ou interrogado, como sugere Heidegger) é o ente: a questão diz respeito ao “ser”, que deve ser perguntado por seu sentido, sendo abordado em seu ente. “Como ser constitui o questionado e ser diz sempre ser de um ente, o que resulta como *interrogado* na questão do ser é o próprio ente. Este é como que interrogado em seu ser.” (HEIDEGGER, 2006, p. 42). Contudo, Heidegger adianta que para se poder apreender o “ser” do ente, este deve antecipadamente apresentar-se como é; e prossegue acrescentando que por mais imediato que seja o ente, é de prudência defini-lo/ esclarecê-lo. Sobre este “diz”: “Chamamos de entes muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é

tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos.” (HEIDEGGER, 2006, p. 42). E sobre o “ser” “diz”: “Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (Vorhandenheit), no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no “dá-se”.” (HEIDEGGER, 2006, p. 42). Isto é: Heidegger está, neste trecho, a explicitar a compreensão prévia tanto de “ser” quanto de ente, que deve gerar o que sugeriu acima como orientação prévia da busca, adiantando, contudo, algumas questões que surgem do ente conquistado. Pergunta-se Heidegger: “Em qual dos entes deve-se ler o sentido de ser? (...) O ponto de partida é arbitrário, ou será que um determinado ente possui o primado na elaboração da questão do ser?” (HEIDEGGER, 2006, p. 42).

Considerando as questões levantadas, Heidegger afirma, que para que a questão do ser seja posta de modo claro, é necessário indicar antes por qual modo pretende-se acessar o ser, e “(...) compreender e apreender conceitualmente o sentido (...)” (HEIDEGGER, 2006, p. 42); é necessário o rigor na escolha de um ente que seja “mostra de caso” mais adequada.

Caso a questão do ser deva ser colocada explicitamente e desdobrada em toda a sua transparência, a sua elaboração exige (...) a preparação da possibilidade de uma escolha correta do ente exemplar, a elaboração de um modo genuíno de acesso a esse ente. (HEIDEGGER, 2006, p. 42).

Neste parágrafo Heidegger começa a expor sua epistemologia ontológica (outro dos elementos fundantes da filosofia hermenêutica), a partir da qual o conhecimento não é apenas conhecimento segundo um método, mas é “conhecimento” como o próprio modo de ser humano: conhecer é intrínseco e inerente ao ser humano. Ainda na construção da questão do ser, Heidegger nos lista elementos característicos do “(...) questionar (...)” (HEIDEGGER, 2006, p. 42), nos indicando que não são característicos do questionar apenas – não são característicos do questionar em si – mas que pertencem essencialmente ao nosso questionar enquanto humanos, e que, portanto, pertence ao nosso modo de ser humano:

Visualizar, compreender, aceder a são atitudes constitutivas do questionar e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado ente, *daquele* ente que nós mesmos, os que questionam, sempre somos. (HEIDEGGER, 2006, p. 42).

E nos alerta para que, ao elaborar uma questão, evidenciamo-nos (nós humanos) como questionadores/ como elaboradores de questões – isto é: ao elaborar uma questão, o que se evidencia é o nosso modo de ser humanos. “Elaborar a questão do ser significa, portanto tornar transparente um ente – que questiona – em seu ser.” (HEIDEGGER, 2006, p. 42). Isto que torna-se evidente é o ente que somos nós, humanos. O que se torna evidente neste ente é seu modo de ser como ente que questiona – isto é: o que dele aparece é o seu ser.

E prossegue sugerindo que o modo de ser (que é questionar) desse ente que somos nós, humanos determina-se pelo que na questão se questiona, que é o ser. “Como modo de *ser* de um ente, o questionar dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona – pelo ser.” (HEIDEGGER, 2006, p. 42). Heidegger nomeia de presença o ente que somos nós, afirmando que este “(...) possui em seu ser a possibilidade de questionar.” (HEIDEGGER, 2006, p. 43).

Heidegger afirma que para ser claro no colocar de uma questão sobre o ser, é necessário uma “(...) explicação prévia (...)” (HEIDEGGER, 2006, p. 43) do ente quanto a seu ser. A este ente, chama presença. E adianta-se em “observar” o que daí parece resultar: um círculo vicioso, questionando:

Mas será que uma tal empresa não cai num manifesto círculo vicioso? Ter que determinar primeiro o ente *em seu ser* e, nessa base, querer colocar a questão do ser, não será andar em círculo? Para se elaborar a questão, não se está já “pressupondo” aquilo que somente a resposta a questão poderá proporcionar? (HEIDEGGER, 2006, p. 43).

Isto é: Heidegger está “antevendo” o que de sua especulação pode resultar: a conclusão de que seu desenvolvimento teórico leva a um círculo vicioso. Tal círculo vicioso seria resultado precisamente do que Heidegger está propondo: partindo de uma explicação prévia de um ente no tocante a seu ser, pretende-se explicar o ser – o qual já estaria manifestamente explicado uma

vez que a investigação partiria de uma explicação prévia do mesmo. Quanto a esta objeção, Heidegger afirma que "(...) não há nenhum círculo vicioso no questionamento da questão." (HEIDEGGER, 2006, p. 43), pois "O ente pode vir a ser determinado em seu ser sem que, para isso, seja necessário já dispor de um conceito explícito sobre o sentido de ser." (HEIDEGGER, 2006, p. 43). Quer dizer: para ser claro no colocar de uma questão sobre o ser, é necessária uma explicação prévia do ser, e isso não constitui um círculo vicioso, uma vez que tal explicação prévia não é um "(...) conceito explícito (...)" (HEIDEGGER, 2006, p. 43) do ser. O círculo aqui, não é vicioso porque o que há, é uma noção do ser, e não seu conceito "fechado", claro e bem definido – é uma noção, e não uma definição. Aqui, encontra-se um dos elementos fundantes da filosofia hermenêutica no tocante ao círculo hermenêutico, uma formulação do círculo hermenêutico, e um dos fundamentos do círculo hermenêutico: não ser círculo vicioso.

Referência bibliográfica:

BLEICHER, J. 1992. *Hermenêutica Contemporânea*. Lisboa: Edições 70.

HEIDEGGER, M. 2006. *Ser e Tempo*. 5ª edição. São Paulo: Vozes.

PALMER, R. 1999. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70.

RICOEUR, P. 2008. *Hermenêutica e Ideologias*. 2ª edição. São Paulo: Vozes.